

REVISTA DE ARTE E DE CRITICA

ANNO I

FEVEREIRO DE 1879

NUMERO 7

MOVIMENTO LITTERARIO EM PORTUGAL

CONSIDERAÇÕES

Em um dos seus ultimos numeros, o *Athenéo*, jornal inglez, insere um breve registro das mais notaveis publicações litterarias de Portugal, nos derradeiros mezes decorridos. O auctor do registro, correspondente do alludido jornal, é o snr. Theophilo Braga, o athleta da *Historia de Litteratura Portugueza*, o poeta da *Vição dos Tempos*, o audaciozo renovador do nosso Curso Superior de Lettras. Entre as publicações indicadas, pelo snr. Theophilo Braga figuram, de par com alguns trabalhos dignos de menção, outros que uma critica severa terá de repellir como indiscutíveis: entre os ultimos citaremos — uma «revista» impressa no Porto, orgão dos trabalhos (*sic*) da geração moderna, bafejada por uns padres-mestres que solicitam a collocação da vera-effigie em mesclada galeria, — curioza «Revista,» emfim, que seria a *renascença* dos grotescos (vid. o seu director,) se o imbecil que a derige não estivesse de ha muito filiado nos *eternos tólos* de Tertuliano.

Como quer que fôsse, o registro do *Athenéo* despertou graves protestos. Um orgão jornalístico, lisboense, mimoseou com varias insinuações o benevolo correspondente e reclamou em nome dos livreos publicados por um e outro amigos de caça (vid. a *Comedia em Lisboa* do snr. G. L.) contra as *predilecções* do snr. Theophilo Braga. O protesto seria uma revelação se não fosse, simplesmente, — confirmação.

Confirmação do «systema» da confraria moderna substituindo o pontificado antigo! Sabeis, vós outros, homens do elogio «descentralizado,» qual é o sentimento que desperta, a vosso pezar, a attenção benevola do publico para uma e outra voz indignada que se ergue para a condemnação? É o desdem pelas vossas conspirações: é o desprezo pelas vossas divergencias: é o conhecimento instinctivo da má fé que vos impelle. N'uma hora de sinceridade erguestes a voz contra o despotismo aviltante dos tetrareas; quebrouse o encanto; despedaçaram-se os grilhões: mas só haveis obtido a liberdade para empregardes as suas horas de benção na formação de grilhões novos. É o direito divino... sem tradições!

Já não impéra sobre a multidão letrada a tiara de Castilho: despedaçaram-n'a os crentes novos: mas, dos fragmentos do symbolo extrairam pequeninas tias, para uso de pequeninos pontifices! Temos os setarios do snr. Latino (*os puristas sem idéas*); temos os do snr. Chagas (*os elegantes faceis*); temos os do snr. Theophilo Braga (*os eruditos sem estylo*); temos os do snr. Ennes (*os Antonyms crystalizados*): e em meio do charivari, obsceno á força de descaro, peza-vos a severidade da Critica; lidaes por abafar-lhe a voz, por supprimit-a perante o publico, por diffamar-lhe os ra-

ros cultores de boa fé a quem revolta a vossa imprudencia! Pois a verdade, a dolorosa verdade, em que vos peze, é que não vingareis abafar-lhe a voz, me nos ainda supprimit-a e que a luz se ha de ir mostrando!

Vel-o-heis.

SILVA PINTO.

A ARANHA

(DA «LENDAS DOS SECULOS»)

No principio viu Deus Iblis que vinha ter Com elle. «Vens pedir perdão?» bradou-lhe o Sér. «Não!» respondeu o Mal. — Então, porque te avisto?» Iblis, todo envolvido em sombras, lhe disse isto: «Vamos vêr qual de nós cria a coisa mais bella.» — Consinto. — A minha aposta, ó Deus, attenta n'ella: Pégo n'uma obra tua e faço o que puder; Tu has-de fecundar aquella que eu te dêr, E cada um de nós imprimirá o sêllo Do seu genio, ao que dêr o outro por modêllo. — Sim, que precisas tu? — disse Deus, com desdem. — Do cavallo a cabeça e os paus do gamo. — Bem; «Leva.» O monstro que vê nas trevas, o nóctilope. Continuou: «Preferia os chavelhos do antilope. — Leva.» Iblis foi forjar a sua obra ao inferno. Depois ergueu o olhar. «Findaste? disse o Eterno. — Não. — Que precisas mais?» Respondeu-lhe o Rojante: «O pescoço do toiro e os olhos do elephant. — Pois leva. — Peço mais, Senhor, que vós me deis Do caranguejo o ventre e da cobra os anneis, As pernas do camêllo e as patas do abestrutz. — Leva.» Assim como lida a abelha, assim á luz Da cratera infernal ouvia-se o diabo Lidando por levar o seu trabalho ao cabo. Não se podia ver, tanto era o fumo escuro O que estava a fazer no seu covil impuro. De repente, voltou-se e disse a Deus, da treva: «Dá-me agora a côr do oiro.» E Deus lhe disse: «Leva.» E a bramir, como brame um toiro que se abate, Não largava o diabo a forja e o alicate; Batia na bigorna o seu terrivel malho; Tremia todo o inferno aos golpes do trabalho; Lançava a sua forja os lividos clarões; Os seus olhos, na sombra, eram rubros carvões; Saíam-lhe, ao soprar, relampagos das ventas, Com estrondo similhante ao das grandes tormentas, Que fazem que a cegonha, em ellas vindo, emigre. Deus disse: «Queres mais? — Quero o salto do tigre. — Leva.» Iblis disse: «Bem,» de pé no seu vulcão. «E ajuda-me a soprar,» disse elle ao furacão. Flammejava a fomalha; Iblis, suando em bagas,

Estorcias-se todo, e d'entre as sombras vagas
Do inferno, só se via a chamma do brazeiro,
O medonho perfil do tragico ferreiro.
E ajudava-o o tufão, que é demonio tambem.
Deus, do supremo céo, d'onde os orbes sustem,
Disse: «Que queres mais?» O negro, o eterno párea
Gritou-lhe, erguendo a fronte enorme e finneraria:
«Da aguia quero a aza e do leão os peitos.»
E o Sér que rege o mundo e os ceus por elle feitos,
Ao obreiro do orgulho e da rebellião
Lançou a aza da aguia e os peitos do leão.
Iblis recomeçou o seu trabalho horrendo,
Perguntavam os céos: «Que hydra estará fazendo?»
O Universo esperava, inquieto, grave, e hiante,
Vêr o colosso dado á luz pelo gigante.
De subito se ouviu, no sepulchral pavôr,
Da noite, um derradeiro e funebre estridôr;
O Etna, a loja infernal do ferreiro maldicto,
Deitou chammass; fendeu-se o tecto do Cocyto,
E viu-se, pelo inferno escancarado e rôto,
Das mãos d'Iblis saltar... um pobre gafanhoto.
E o côxo horrivel, que abre a negra aza medonha,
Viou o que tinha feito e não sentiu vergonha;
Porque um aborto é sempre aceite pela sombra.
E Iblis, endireitando o seu perfil, que assombra,
Arrogante, cruzando os braços, zombador,
Ululou no Infinito: «Agora, tu, Senhor!»
E o que tenta enganar a Deus, e nos seduz,
Continuou: «Tu me dêste o elefante, o abestruz,
A fulva côr do oiro e o que tem de mais bello
O tigre, a aguia, o toiro, o antilope e o camêllo,
O leão e o cavallo, o caranguejo e a cobra;
Chegou-me a vez de dar com que tu faças obra;
Eis tudo o que possuo, ó Deus, tudo eu te dou.»
Deus, a quem nunca um mau, um impostor logrou,
Abriu a vasta mão que a claridade banha
Para a sombra, e o demonio entregou-lhe uma aranha.

E Deus pegou na aranha e, estendendo o seu braço,
Pôl-a no céo, que então ainda era o negro espaço:
O Espirito fictivo o insecto e logo a flux
Seu tremendo olhar verteu a eterna luz;
O monstro parecia um ponto escuro, apenas;
De subito, cresceu e alongou as antennas;
Cravando n'elle Deus o seu olhar tranquillo,
Não sei que extranho alvor começou a cobril-o;
Mudou-se o feio ventre em um globo de fogo
E em espheras d'oiro os nós das pernas vis, que logo
Se estenderam na sombra, em raios de luz quente.
Iblis, o infame, ergueu a vista e, de repente,
Curvou-se, deslumbrado, ante o fulvô arrebol,
Porque Deus, d'essa aranha, havia feito o Sol.

FERNANDO LEAL.

O LIVRO DO MARTYRIO

I

A noite não tem Lua, mas em compensação as
estrellas irradiam uma claridade que permite observar
o espectáculo dos mundos.

Vêm-se todas as constellações do nosso céo—des-
de Orion até ao Triangulo, e os planetas.

A via-lactea, a mais notavel das nebulosas, parece
effectivamente uma estrada immensa, e as estrellas
cadentes descrevem, de espaço a espaço, um arco lu-
minoso, phosphorecente, e passam.

A noite tem aquella poesia melancolica que nos
faz pensar no problema dos nossos destinos, e no Inar-
ravel.

Quem entrasse em uma hospedaria das mais po-
bres do Porto, havia de ver em um quarto humilissi-
mo—um velho sentado a uma meza, lendo religiosa-
mente um livro de caracteres desconhecidos.

Ouçamos o velho:

«20. Eu criei os animaes, e os fructos da terra
para seu alimento, o Sol brilhante para fortificar, aque-
cer, e para tornar esplendida a criação; e a Lua para
fazer crescer os productos do solo.

«21. As folhas apresentam-se nos ramos para abri-
gar do calor do dia, a flôr abre e corolla para perfu-
mar a brisa, para inebriar os sentidos. Mas, acima de
tudo, amo e santifico entre as minhas obras, a Agua,
clara, fluida, transparente, espelho para o rosto que
se mira nas suas ondas. Eu fiz d'ella o symbolo da pu-
reza, e ordenei ao homem e á mulher que se purificas-
sem no seu liquido da côr do diamante.

«23. Os anjos, diante d'esta potencia suprema,
reconhecem-se humildes e pequenos; os que foram ge-
rados do fogo prostam-se e adoram-me.....
.....Elles me dão o nome de Mestre unico, Deus
por excellencia (Allah!).

Lia o Koran, livro sagrado da religião musulmana.

Fechou-o.

Depois ergueu-se; approximou-se d'uma janella, e
deixando vaguear a vista pela abobada constellada,
exclamou:

—Oh! meu Allah, clemente e misericordioso...
entornae sobre mim a consolação e a esperanza!...
«Abençoado seja o senhor unico dos ceus, da terra, e
dos ares, que só conhece o fim de todos.»

Depois de um silencio de minutos:

—Ha cinco annos que vagueio á mercê do desti-
no—sem descansar um só instante!... Mas a minha
alma tem subido sempre, porque vos amo, Allah! por-
que a minha fé é immensa como o livro dos astros! E
eu elevo-me para vós, oh! Sabedoria, como o fumo da
madeira cheirosa ou semelhante aos aromas dos jas-
mins de Mâchidj.

O velho que assim fallava era um d'estes homens
—que nós ainda hoje por ahi vemos—vendendo tama-
ras e rosarios de sandalo ou de oliveira.

Vestia uma tunica farta, escura, mas não tão com-
prida que não deixasse ver uma parte das bragas e
uns borzequins.

Tinha o cabello crescido, já abranqueado, e bar-
ba toda, tambem entretecida de brancas, o que lhe
dava a apparencia d'um eremita legendario, d'um Cheik.
O seu olhar era sereno—mas nostalgico, e a sua phy-
sionomia aparentava serenidade no soffrer. Eis a his-
torio do velho:

Nasceu na cidade de Tayefón ou Taif, nomeado o
jardim de Mecca, a qual é construida no meio de uma
planicie saibrosa, apertada entre montanhas de pouca
elevação, chamadas Djebel-Ghazouan, e notavel em

toda a Arabia pela belleza dos seus jardins, situados no sopé d'essas montanhas, e plantados de roseiras, vinhas e arvores fructiferas.

Chama-se Alibrand.

Seu pae pastoreava; e Alibrand, desde pequeno, ajudava-o no mesmo mister.

Foi crescendo, e com elle as esperanças de seu pae, e o rebanho.

Alibrand enamorou-se d'uma formosa mulher da mesma tribu, da tribu do Thekif, e da reciprocidade de affectos nasceu uma filha formosa como sua mãe, a quem pozaram o nome de Saana.

Não queriam que ninguém soubesse que tinham uma filha—como o avarento que não quer que se saiba do seu thesouro—para que Saana não fosse cahir no harem d'algum musulmano poderoso; e os paes guardavam-n'a tanto, e o amor d'elles era tal, que chegavam a exercer sobre ella um poderio pesado.

A pressão paterna desgostava Saana. Mais de uma vez seus paes viram-lhe lagrimas—sem descortinarem a razão d'aquella magua; e pediam então a Deus que desse ao anjo que medrava conjunctamente com as suas alegrias e crenças—a felicidade que havia de repartir por ambos.

Como a ave, ou como todo o ser, Saana queria liberdade. A ave tem o instinto do agradável; sauda o apparecimento do sol e emmudece com o seu declinar; vac muitas vezes cantar perto d'uma fonte para fazer concerto com o murmúrio, e outras—empoleira-se no ramo mais alto, como se comprazendo em admirar a parcella do mundo que póde abranger.

E Saana, muitas vezes, fugia de casa; seus paes iam encontral-a, umas vezes a contemplar uma paizagem, outras o horizonté á hora da saudade, em que o sol dá ás nuvens uns tons de melancolia, ora atirando seixos á agua, para seguir com a vista os circulos harmoniosos, concentricos, que se desenvolvem em volta do ponto em que o corpo cae, ora, finalmente, brincando com as creanças—como que se ella o fosse tambem.

Se a prendiam em casa, levava o dia todo n'um pranto; e seus paes, cegos pela idolatria do sentimento, não sabiam a que attribuir aquella melancolia.

(Continúa).

SOUZA MOREIRA.

VERSOS

RECITADOS N'UM BENEFÍCIO A FAVOR

DO

ATHENEU ARTISTICO PORTUENSE

DADO NO THEATRO BAQUET A 18 DE JUNHO DE 1878,

DIA DA TRASLADAÇÃO DAS OSSADAS DOS MARTYRES

DA LIBERDADE PARA O CEMITERIO DO PRADO.

Pão aos que pedem pão! luz aos que pedem luz!
É tempo de arrancar á humanidade a cruz
De tantas provações. Apostolos, marchai!
Na base d'um calvario erguei-nos um Sinay!
Á voz da estupidez o povo dobra o joelho.
Abri-lhe da instrucção o candido evangelho,
P'ra que leiam melhor—os miseros proscriptos—
As paginas de luz, os fulgores escriptos
Nas solidões azues dos páramos futuros.
Almas! almas sem sol! sois uns tuneis escuros

Onde o crime, algemado a uma razão captiva,
Perpassa com o fragôr d'uma locomotiva,
Devastando, assolando as crenças, raciocinios,
Vomitando em redor os rubros vaticinios
D'uma inacção total, d'um torpe absolutismo!
Gritam por toda a parte:—Abaixo o socialismo!
Uma espingarda é lei! Fuzilar! fuzilar!...
Mas accordam já tarde! acordam... p'ra matar!
Deixam crescer o roubo, o vicio, assassinatos;
Lavam d'ahi as mãos estes novos Pilatos;
Atiram a miseria á lama da enxovia;
Dão-lhe a noite da alma; exilam-n'a do dia,
E depois querem paz! querem prosperidade!

Em nome da Liberdade,
Combatei! combatei! filhos da nova crença!
Levai a todo o mundo essa harmonia immensa—
Que faz do barro vil um craneo pensador.
O tempo que passou tem ondas de terror
Que podem levantar-se ainda em nossa frente.
Vamos! fazei do povo um povo independente!
Que importa da reacção a baba sanguinaria?

Em nome d'esses que hoje em procissão mortuaria
Acabam de cruzar as ruas da cidade,
Em nome d'uma crença, em nome da Verdade,
Em nome de Jesus,
Pão aos que pedem pão! luz aos que não têm luz!

O Estudo! a Instrucção!—resgate universal!
Que este seculo e o vindouro, idade sobre idade,
Oçam sempre bradar o velho Portugal:
Eu sou independente! ah! Viva a Liberdade!

NARCIZO DE LACERDA.

OS LADRÕES TITULARES

ROMANCE

PRIMEIRA PARTE

O NOVO ROCAMBOLE

(CONTINUADO DO N.º 6)

II

O DESENGONÇADO

O rapaz, ao chegar á esquina da rua de Cima de Villa, viu um sujeito que, de mãos mettidas nos bolsos das calças e de cigarro ao canto da bocca, andava de um lado para o outro no passeio.

Este *flâneur* nocturno tinha uma cara muito pouco sympathica.

O operario abeirou-se d'elle com um cigarro apagado na mão:

—Empresta-me o seu fogo—disse-lhe.

O outro tirou o cigarro da bocca, sacudiu-lhe cuidadosamente a cinza com o dedo minimo, e offereceu-lh'o com exquisita delicadeza.

— Seguem-me dois homens. Livra-me pelo menos de um d'elles, Desengonçado — disse baixo o rapaz enquanto fingia accender o seu cigarro. Depois, accrescentou em voz alta, restituindo o lume—Obrigado, senhor...

E seguiu pela rua abaixo.

O Desengonçado, como lhe chamára o operario, voltou-se para continuar o seu passeio.

N'este momento iam a entrar na rua dois embuçados.

— Fazem o favor de me dizer a quantas ando... sim... eu quero dizer na minha... que horas são? — perguntou-lhes com voz enrouquecida pelo uso frequents das bebidas alcoholicas o Desengonçado.

Elles, ou porque não ouvissem, ou porque não quizessem responder, continuaram o seu caminho sem lhe prestarem attenção.

— Eh lá! ó sôres fidalgos! Então cá um homem não merece sequer uma resposta, hein? — berrou o peralvilho correndo de escantilhão para os dois e atirando-se com força ao braço de um d'elles, do que lhe ficou mais ao geito.

— É um ebrio—disse este para o seu companheiro—Vae tu para deante, enquanto eu me desembarço d'elle.

O outro partiu.

— Olá! temos segredinhos?—proferiu o Desengonçado—Vamos... eu quero saber que horas são...

— Espera... — disse o desconhecido dando-lhe um encontrão a ver se se livrava do seu nojento contacto.

— Bonito *sabonete*, sim senhor!... Mas não me agrada... é for... é forte de mais... Brrr!...—gaguejou o fingido bebado cambaleando mas sempre aferado á sua preza.

— Os demonios te levem, importuno! — disse o desconhecido com impaciencia.

— Qual! Elles não querem lá coisa tão boa... Brrr!... Brrr!... Está frio não te parece?

— Deixa-me, ou mando-te prender...

— Bravo! com que, sim senhor... *estás no galarrim?* Ai que dança!... Brrr!...

O outro diligenciou soltar-se.

Mas o Desengonçado tinha uns pulsos de ferro, não largava nunca facilmente aquillo a que deitava as mãos.

Pela rua não passava ninguém.

Ao vêr a estranha obstinação d'aquelle homem uma desconfiança passou rapida pela mente do desconhecido:

— Será isto um laço! — pensou elle.

Então, com um subito movimento, desfez-se da capa que o peiava, e, agil como um tigre, agarrou-se ao pescoço do seu aggressor.

— Largame, ou estrangulo-te! — disse-lhe.

Este soltou um grunhido surdo...

O desconhecido apertou-lhe os gorgomillos.

Suffocado pela pressão dos dedos o Desengonçado largou a presa e levou as mãos á garganta. O movimento perdeu-o.

Deixando livre o braço do seu antagonista, fez com que elle podesse tirar um rowlover que trazia em um cinto e lh'o apontasse á testa.

Fôra tão inopinado o ataque, que o espião julgava tudo aquillo um sonho.

Ainda assim, tentou puxar do uma grande navalha hespanhola que sempre trazia comsigo.

— Se fazes sequer um movimento, metto-te uma bala na cabeça — disse-lhe em voz baixa o desconhecido adivinhando-lhe a intenção.

— Estou filado! — rosnou por entre dentes o Desengonçado.

— Tu vae camiuhar adiante de mim—não tentes fugir, nem grites, porque do contrario mato-te. Anda!...

Felizmente para o desconhecido, e desgraçadamente para o peralvilho, não encontraram pessoa alguma desde a praça até á rua de Santo Ildefonso.

Chegados que foram pouco mais ou menos ao meio d'esta rua, o desconhecido parou em frente de uma casa de singela apparencia.

— Bate a essa porta — disse elle para o seu companheiro.

Este obedeceu.

Instantes depois, perguntou de dentro uma voz varonil:

— Quem é?

— Abre, Lourenço — respondeu e desconhecido.

— O senhor conde! — exclamou o de dentro com alegria.

E abriu a porta.

— Entra! — disse para o Desengonçado aquelle a quem Lourenço déra o tratamento de conde.

O pobre diabo olhou para um e outro lado da rua... hesitou... esteve vae não vae para se escapular... mas o maldito revolver *mirava-o* tão de frente! Por fim, dando um profundo suspiro, entrou.

O conde seguiu-o.

Lourenço ia adiante alumiando.

Entraram os trez em uma sala modestamente mobilada mas onde se notava o bom gosto e o accio.

O Desengonçado deitava em redor de si um olhar suspeito e desconfiado. Parecia um gato espreitando o ensejo de fugir das mãos dos que o tem preso.

O creado particular do conde, olhava-o admirado.

— Lourenço — disse-lhe o amo — vae esperar-me para o meu quarto.

O rapaz sahiu da sala.

— Fil-a bonita! — pensava o Desengonçado — Deixei-me cahir na rêde como um peixinho!... Mas o diabo nunca é tão feio como o pintam... a esperanza é a ultima *coisa* que o homem deve abandonar. Esperêmos!

O conde fez-lhe signal para que se sentasse. Elle não se fez rogado.

Seguiram-se alguns instantes de silencio, durante os quaes o conde, sentado em frente do seu hospede, o examinou attentamente.

— Como te chamas? — perguntou-lhe por fim.

O interrogado fez uma visagem e não respondeu.

— Não ouves? Como te chamas?...

— Eu sou o Desengonçado... — respondeu este.

— Isso não é nome.

— Eu cá sempre assim me conheci. Se é nome ou não, não sei. Chamo-me o Desengonçado... e acabou-se.

— És engeitado?

— Tal qual — adivinhou, sou *filho das tristes herbas*, como diz a cantiga...

— Bem, o nome de pouco importa. Passemos adiante. Que esperavas tu a hora tão adiantada da noite, passeando á esquina de uma rua?

— Ora essa não é má! Naturalmente o mesmo que o senhor... andava a espairecer...

— Tu queres enganar-me!

— Se o percebo...

— Percebes-me perfeitamente, e vaes já dizer-me tudo o que sabes... *tudo o que sabes* — repetiu o conde pausadamente erguendo o revolver á altura da fronte do engeitado.

Este empallideceu. Comtudo, quiz ainda tentar illudir a pergunta:

— Então que era que eu fazia — faz favor de me dizer?

— Para que foi que, fingindo-te embriagado, te agarraste ao meu braço e me impediste o caminho? — Responde!

— Então eu fingi-me bebado?

— Responde!

— Mas...

— Responde! — disse pela terceira vez o conde em tem que não admittia replica.

— Mão! — pensou o Desenganado — A coisa aze-da-se, e sou eu que, no fim de contas, apanho por todos, e ainda por cima me podem chamar *zote*. Nada!

E disse em voz alta, já resolvido:

— Pois bem, meu amo, já que tudo quer saber, fallarei!...

(Continua.)

ANTONIO DA CUNHA.

SCENA DA VIDA

(NO ALBUM DO HONRADO NEGOCIANTE MANOEL D'ALMEIDA HENRIQUES)

Rachitica, faminta, maltrapida,
Uma velha estendia a sua mão
Aos que passavam, implorando a medo:
— «Meus bemfeitores, tende compaixão!

«Eu tenho em caza um filho quasi cego,
«Meu marido entrevado e sem razão!
«Valei-me! Por piedade, meus senhores,
«Dai-me dez reis p'ra lhes levar de pão.»

A insana multidão hia passando,
Tumultuosa, feliz, febreitante,
Seguindo sempre além no *boulevard*.

Um policia prendeu a pobre velha...
N'estes tempos de tanta liberdade
É um crime o ser pobre e mendigar!

ERNESTO PIRES.

OS HOMENS DA «REVISTA»

ERNESTO PIRES. Importa conhecê-lo de perto. Por um intuito perfido, sobrepôz-lhe o deus Acazo ao coração algumas camadas de carne, como que pretendendo abafar-lh'o. O coração, vigoroso e valente, resiste com tenacidade ao jugo e, quando mal se espera, manifesta-se.

Ernesto Pires tem um iman duplo que nos attrae: a probidade e o talento. Ha n'elle algum tanto de Buloz, o fundador da *Revista dos Dois Mundos*: o bom-senso, o respeito do alheio merito, a consciencia dos seus juizos e o desprezo pelos seus detractores e pelos dos seus amigos e companheiros na sua empreza.

A espaços, para divertir-se, faz versos. N'esse campo pertence á familia dos correctos.

*
* *

NARCIZO DE LACERDA. — Um mar de luz no horizonte do espirito e dois olhos d'um azul sereno reflectindo aquelle mar. É da tribu dos inspirados. Prepara um livro — *Canticos da Aurora*. Prepara-o, diz elle e dil-o com uma ingenua crença. Illusão completa! Perguntae-lhe lá pela hora da fecundação do seu cerebro: terá um sorriso distrahido e uma phrase, distrahida como este. Sem processos pedantescos, sem theorias *à priori*, perdido no espaço indecifrável, traz-nos bons versos, poemas esboçados, de crença, por vezes de paixão arrebatada e ardente; — de serenidade melancolica, por outras. Que dirão do seu livro — a sua alma — os Philisteus do soalheiro? Entre-vejo um horizonte de blasphemias.

De resto, — um caracter de lei.

SOUZA MOREIRA. — É da familia dos modestos Modesto e grave. Trabalho seguro e silenciozo. Procede methodicamente *à posteriori*. Quando afirmar diryos-ha «porque affirma». Couza notavel; tem a apparencia clerical e é livre-pensador!

Rezumindo: estuiozo e sério: um honrado obreiro.

LUIZ BOTELHO. — Um entusiasta! Nariz que apouenta o Ideal. Estylo ornado. Sabe, quando principia, o que vae dizer, — mas não o parece. A razão é simples: conhece o caminho direito, mas prefere os atalhos. Em todo o cazo tranquillisem-se: vae ao termo da jornada! Tem uma paixão: — Victor Hugo, e alguns caprichos: — Theophilo Gautier e ao amigos de Victor Hugo. Tem alguns odios: o odio pelos maus, pelos hypocritas e, pelos insignificantes.

*
* *

FERNANDO LEAL.—Da tribu dos impetuosos. Não lhe esgoteis a dialectica: dar-vos-ha dois muros. Instrução vasta, colhida nos livros, nas viagens, no convívio dos homens, nas asprezas do Destino. Soldado, geographo e escriptor, tem como Luiz Botelho, o fanatismo de Hugo e traduz com exito brilhante o poeta da *Lenda dos Séculos*.

De resto, — violento, sincero e bom.

SILVA PINTO.—Ex-encarregado dos processos summarios na *Revista de Arte e de Critica*: no dizer de muitos — o *executor de alta justiça*. Sobre os dotes e os meritos d'este homem direi apenas, que na escala dos epithetos, já vi applicar-lhe os que existem desde *genio* até *idiota*, desde *heroe* até *ratoneiro*.

Elle deixa aos moderados o cuidado de escolher o meio termo.

Os restantes collaboradores da *Revista* são hospedes; dispensam familiaridades.

SILVA PINTO.

OS RIDICULOS

Aquí tosquiã-se camêlos

A *Viagem á roda da Parvonia*, revista do anno de 1878, devida a Guerra Junqueiro e Guilherme d'Azevedo foi pateada pelos indigenas, no theatro do Gymnasio de Lisboa. A proposito dizia um dos *auctores laureados* que por ahí commetem operetas em lingua bunda:

— Não tem condições scenicas!

Pedimos-lhe a explicação do cazo e apurámos o seguinte:

«Ter condições scenicas» é... «ter condições scenicas.»

Sem tirar nem pôr.

Ora a *Revista* tem mais espirito, mais critica, mais verdade e mais bom-senso do que é licito imaginar entre os laureados caftres que por ahí pèjam os palcos e os dignos alarves que os applaudem.

D'ahi a falta de condições.

Uma epidemia sobre os idiotas, Omnipotente Senhor!

*
* * *

O *Diario Illustrado* dá conselhos de moderação a Guerra Junqueiro e a Guilherme d'Azevedo e chama-lhes *intelligentes moços*.

Escrever *A Morte do D. João*: escrever *A Alma Nova* — e aturar um Fernandes Costa!

Epidemia, Omnipotente Senhor!

N'uma livraria de Lisboa entrava, ha dias, Fernandes o *cru*, e interpellava o bom do homem do balcão:

— Viu a justiça que eu fiz ao livro de Fulano?

— Pois não vi! apanhou-o bem, mesmo muito bem!

— É para que saiba, meu caro. A critica é aquillo!

Á beira de Fernandes dizia um sujeito maligno:

— Tens razão, pateta! a tua critica é AQUILLO...

Fernandes, o *cru*, completa a obra do seu bom e gordo amigo Gervasio Lobato, bordando na papeleta *illustrada*, trez columnas de declamação pedantesca, em homenagem á deploravel *Comedia em Lisboa* (salvo erro), livro do gordo escriptor.

E chama critica á *léria*.

Epidemia, Omnipotente Senhor!

O encarregado dos ridiculos,

RAPHAEL.

EXPEDIENTE

O Dr. Rodrigo Velloso, um dos jornalistas mais illustrados da geração contemporanea, escreve no n.º 576 da *Aurora do Cavado*:

«O n.º 5 da *Revista de arte e de critica* vinha primoroso, e tal que não podemos furtar-nos á tentação de transcrever d'elle para começo da secção bibliographica do n.º passado o primoroso artigo do snr. Silva Pinto *Da poesia moderna em Portugal*, a proposito do livro do snr. Narcizo de Lacerda *Canticos da Aurora*, que vae sair em breve á luz. É uma pagina de excellentissima critica.

«O n.º 6 traz na 1.ª pagina o retrato do sr. Silva Pinto, acompanhado d'uma ligeira noticia biographica e bibliographica sobre o illustre critico, pelo sr. Ernesto Pires, director litterario da *Revista* e poeta distincto. Seguem-se a este artigo: *O Adeus de Romeo*, imitação de Shakespeare, em formosos versos, pelo sr. José Caldas — *Luctus litterarias*, artigo acerado mas verdadeiro de Silva Pinto, sobre o *favor litterario* com que mutuamente se tratam os membros das *cotteries* do elogio mutuo, e a *conspiração do silencio*, peor que

a injustiça da apreciação, com que essas *cotterias* acolhem as obras litterarias dos que se não filiam n'ellas, mas intemeratos e independentes olham a Arte, respeitam-n'a e exercem-n'a como um sacerdocio, e não como um mister ou passa-tempo;—*Peccadora*, peregrina poesia de Narcizo de Lacerda, a quem guiou o mesmo pensamento, ao concebê-la, se mais levantado não é, que o que produziu a celebre

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe;

—*Pensamentos uteis*, por Camillo dos Moinhos; *A gratidão do actor*, formosa poesia escripta, expressamente, para ser recitada pelo actor imitador Trindade em noites de seu beneficio, por Ernesto Pires; pena é que versos tão harmoniosos e commovedores fossem escriptos para ser recitados por actor, cuja vida des-toa inteiramente d'elles.»

Agradecemos ao illustre collega.

O incansavel editor Malheiro acaba de publicar *O Romance da Rainha Mercedes*, primorosamente composto pelo snr. Alberto Pimentel.

Como a *Revista* tem bastantes leitores no reino visinho transcrevemos o capítulo 2.º da citada obra, que é um dos mais habilmente escriptos.

«O rei de Hespanha faz lembrar estas plantas mimosas que, nascendo no topo de um outeiro batido dos ventos, se tornam fortes. Creado nos regalos da côrte, educado sob a influencia da tradição religiosa do seu paiz, parecia unicamente destinado a ser algum dia um simples rei catholico e constitucional, como os seus antecessores. Como elles, seguindo as praxes da primogenitura, depoz o seu vestido branco no altar da Virgem da Atocha, e vestiu um uniforme militar para cumprir o velho estylo tradicional, que, desde os primeiros annos da existencia, rouba toda a originalidade, annulla todas as disposições naturaes aos principes destinados ao throno.

«O sentimento poetico, que tanto dulcifica os costumes, e que prepara a alma para a concepção do bello, bebeu-o certamente com o leite da robusta camponeza das Asturias, a quem a sua amamentação foi confiada. Mas esse germen de poesia, tão necessario á alma de todos os homens, especialmente de um rei, devia aniquilar-se na atmosphaera dos paços reaes, na temperatura abafadiça das pragmaticas anachronicas, longe do spectaculo da natureza, e das grandes correntes do pensamento humano. Um rei, como uma flor muito resguardada, é um producto meio artificial, por um vicio de educação, que já seria tempo de banir. Faltam-lhe as commoções profundas, as eloquentes lições da sociedade, a aprendizagem casual que robustece o espirito e o torna apto para a lucta. Recebe a instrução como recebe a luz, o sol, e o ar, em pequenas doses regradas, systematicamente, para que o não molestem. Podia ser um bello espirito, mas a tradição faz d'elle um espirito vulgar. E pouco mais ou menos como seu pae; seu filho será como elle.

«Mas ao rei Affonso estavam reservados acontecimentos que deviam modificar completamente a acção enervadora da educação palaciana. Passou os primeiros annos da vida no exilio, para onde a revolução arrojou sua mãe. Não viajou como um principe, como o futuro rei de Hespanha, sob as vistas de aulicos vigilantes e aduladores. Era então um simples particular, uma creança que podia ver e ouvir, meditar e falar, viver, n'uma palavra. Passando de paiz em paiz, esteve n'um collegio de França, depois n'outro de Vienna, por ultimo no de Sandhurst, em Inglaterra. Traçou de perto, deixem-me assim dizer, muitas ideias diferentes, porque é forçoso convir em que as ideias da França não são precisamente como as da Austria, e as da Austria justamente como as da Inglaterra. A natureza, variando de contornos de paiz para paiz, varia tambem a sua lição. As creanças, que são, no fundo, a mais completa manifestação da natureza, porque são a natureza n'um estado de pureza immaculada, como que impregnam quem as conversa do espirito das nacionalidades que representam, sobretudo se quem as conversa é igualmente creança, porque n'esse caso a sua alma recebe profundamente as impressões, que ficam gravadas como caracteres alphabeticos sobre uma camada de cêra. Ora o moço Affonso, em qualquer dos tres collegios, viveu sempre entre creanças, que não só representavam ideias diferentes, mas tambem genios e classes diferentes. Magnifica lição para qualquer principe que tivesse de occupar um throno! Ao pé do alumno fidalgo, o alumno burguez; ao pé do pergaminho, a riqueza; o alumno estudioso ao pé do alumno madraço; a força ao pé da inercia; o alumno intelligente ao pé do alumno estúpido: a gloria ao pé da indifferença. Cada classe e cada genio equivalia a uma nova lição, porque, por mais estúpida que seja uma creança, ella sabe sempre encontrar argumentos para desculpar o estado do seu espirito. «Não sou eu que não aprendo; é o professor que ensina mal; são os livros que não prestam.» O joven filho da rainha exilada habituou-se, portanto, a conhecer as individualidades atravez de todos os veus. Estudou os homens nos homens, o que é muito diferente de estudal-os nos cortezãos, que são uma contrafacção. Não aprendeu exclusivamente para rei; aprendeu a sciencia da vida, praticamente, como se fosse um simples vassallo, porque o throno era para elle uma coisa muito incerta.

«Foi assim que os vendavaes de exilio fortaleceram a planta mimosa. O que nascêra principe fizera-se homem. Teve, portanto, razão o duque de Miranda, quando photographou Affonso XII com uma simples phrase: *É um homem.*

«O maior elogio dos reis está precisamente em serem homens. Assim pensava uma antiga rainha de Castella, quando, fallando de D. João II de Portugal, dizia que elle havia sido *um homem*. E foi.

«Mais do que qualquer outro throno da Europa, o de Hespanha precisa de reis que sejam homens. Ser rei em Hespanha é luctar. A historia falla eloquentemente. Carlos IV morreu no exilio; Fernando VII atravessa vinte annos de revolução; Izabel II é ainda hoje uma illustre exilada; Amadeu I deve conservar, como a vaga lembrança de um sonho, a ideia de ter reinado em Hespanha. N'esta serie de reis falta ainda uma nodoa de sangue entre Carlos IV e Fernando VII:

É José Bonaparte. O herdeiro de tão revolta monarchia precisava ser um espirito forte, um homem perseverante, energico, mesmo audacioso. «*Io no soy de los reyes que se van. De muerte natural ó violenta moriré sobre el trono.*» Estas palavras de Affonso XII dão a medida da justa comprehensão que elle tem do seu dever. Cesar morreu em pleno senado; Molière agonizou sobre o palco. Cada um no seu lugar. A vida é uma batalha; cada soldado no seu posto.

«Quando Affonso XII entrou em Hespanha para reinar, tinha aproximadamente vinte annos. Veio por mar, entregue aos caprichos da onda, porque um rei, desde que principia a sel-o, precisa de se entregar cegamente ao destino. Mas, logo que desembarcou em solo hespanhol para tomar o caminho de ferro de Madrid, em vez de uma chuva de flôres, esperava-o uma chuva de balas. O desespero carlista queria enviar a D. Affonso XII uma saudação de morte. Mas o rei passou impunemente, e o carlismo continuou a debater-se nas vascas da agonia. Era uma serpente que se revolia entre chammas.

«Então a Hespanha viu sobre o throno um rei profundamente hespanhol — no animo e na physionomia. Um dextro torero, um valente caçador, um cavalleiro eximio. Figura esbelta, salerosa, rosto moreno, cabellos pretos, bocca expressiva, dentes alvissimos. Um adolescente de serenata, um trovador de vinte annos sobre um throno de seculos.

«Para completar o typo peninsular, um coração amante. Toda a vida de um hespanhol está no amor ou no ciúme. O rei amava. Facto verdadeiramente extraordinario e ousado: um rei amar! Para um principe de vinte annos, uma princeza de dezeseite. Mercedés, sua prima, era uma creança idealizada pela formosura. O rei amava-a em segredo, com um culto sagrado. Adorava-a.»

Offereceu-nos o snr. E. da Costa Macedo um exemplar do seu ensaio romantico *A Caridade*. Apregoar que este livro é uma obra prima seria faltar á verdade e portanto diremos apenas que o seu auctor é joven ainda e que póde, no futuro, escrever romances muito bons, se não adormecer á sombra da sua primeira produção, que nos revella um talento inda em embryão, mas que se póde desenvolver e completar brilhantemente se Costa Macedo sazoar com o estudo as tendencias da sua incontestavel vocação. Agradecemos ao joven escriptor a sua honrosa dedicatória.

O snr. J. Leite de Vasconcellos, novel e talentoso poeta portuense, acaba de publicar um voluminho de versos que intitulou *Poema da Alma*.

É um livro interessantissimo e habilmente escripto. Tem versos excellentes, onde o genio poetico do auctor se desata em caudales de inspiração.

Leite de Vasconcellos dedica o seu primoroso poema á geração moderna e em especial aos seus condiscipulos do Porto.

Transcrevemos a dedicatória:

A vós que trabalhaes, ou á luz da officina,
Ou mordidos do sol, em aspera campina,
Entre as urzes crucis, batidos pelo vento;
A vós que vos servis da penna ou do martello,
Luzeiros do porvir, sacerdotes do bello,
Athletas da palavra, heroes do pensamento;

A vós que sabeis bem o quanto á alma custa
Escalar a montanha olympica, vetusta
Do ideal, para colher alguma ideia nova,
Alguma fecundante, aurifera semente
Que sobre os homens cáia e vá suavemente
Aproximando o céo e desviando a cova;

A vós que daes valor a quem trabalha e ama
E quer ver conservar-se acêsa a grande chamma
Que a alma faz mais pura e o corpo mais viril;
A vós, peitos de bronze, ás luctas costumados,
Valentes campeões, destemidos soldados,
—É que eu dedico, ouvi, meu canto juvenil.

Agradecemos o exemplar com que fomos brindados.

O Civilizador é o titulo d'um periodico litterario quinzenal que principiou a publicar-se na cidade da Horta.

São proprietarios da nova folha os Snrs. Ernesto Rebello e Mendes de Faria.

Agradecemos a troca.

O dr. João Penha, o grande poeta bracarense, está inconvido da redacção do novo jornal *O Norte*, que brevemente virá á luz da publicidade na formosa capital do Minho.

O novo collega promete ser noticioso, litterario, scientifico e principalmente propõe-se a advogar os interesses das nossas provincias do norte.

Agouramos um futuro brilhante a estas publicações, quando dirigidas por espiritos intelligentes e caracteres conscienciosos.

João Penha possui estes predicados, e estamos convictos de que *O Norte* desempenhará um papel invejavel no jornalismo portuguez.

O honrado proprietario da *Revista*, Ignacio Brandão Pereira Cabral, tem no prelo um livro, que intitula *Breves esclarecimentos sobre o Pará*.

Consta-nos que é um trabalho digno do ser lido por todos e principalmente por aquelles que já visitaram a rainha do Amazonas.

Aguardamos a sua publicação para o analysar detidamente.

ERNESTO PIRES.